

“ ...A coisa aqui está preta...”

Sonia Bonzi*

Desde que começou o ano novo persa de 1386, no dia 21 de março, Teerã sofreu grandes mudanças. A neve continua no topo das montanhas, mas as árvores vestiram-se do verde que só a primavera oferece. Os jardins encheram-se de amores-perfeitos de diferentes matizes. As roseiras soltam os primeiros botões e os gramados assemelham-se aos dos parques ingleses.

Nas ruas a polícia religiosa reprime os jovens fazendo-os lembrar de que vivem numa sociedade de regime teocrático, islâmico, onde mostrar o corpo e os cabelos não é permitido. As moças assanhadas, que deixam franjas e tornozelos à mostra, podem ser presas, ter seus carros retidos até por dois meses ou mesmo serem chicoteadas se não se comportarem de acordo com as regras vigentes. Os rapazes também sofrem represálias. Se têm os cabelos longos ou gomalinados correm o risco de irem para a cadeia, de terem a juba cortada, no meio da rua, por barbeiros a serviço do Estado. Já não lhes é permitido mostrar os braços musculosos de fora das camisetas justas. As camisas devem ter mangas compridas. O uso da gravata, coisa de decadentes ocidentais, foi abolida. As lojas que as vendem tiveram que retirá-las das vitrines e podem ser fechadas, caso desobedeçam. As antenas parabólicas, que dão acesso aos canais estrangeiros, vão sendo retiradas dos edifícios e das casas. (E recolocadas pelos proprietários no dia seguinte, segundo me contou uma amiga).

A repressão atinge também os bolsos, e altas multas são aplicadas. Para cada centímetro de perna descoberto, paga-se o equivalente a vinte reais. Os carros retidos pagam pelo estacionamento.

Um amigo iraniano passou cinco dias na cadeia por ter ingerido bebida alcoólica e dado sinais de bêbado. A filha de uma amiga está privada de dirigir. Teve a carteira de motorista e o carro apreendidos por ter ousado desobedecer ao código de vestir.

Apesar de todo o empenho em manter a sociedade afastada da influência ocidental, ainda se vêem, em menor número, moçoilas ousadas com parte dos cabelos descobertos, rapazes impertinentes de topetes arrepiados e cabelos que caem pelos ombros.

Entretanto, os mais temerosos aceitam a imposição, apesar de serem contrários a ela. E os xadores enegrecem as ruas, contrastando com o viço das flores e o brilho da primavera.

Há, entre muitos locais, a crença de que, dentro de mais uns dez dias, a polícia religiosa deixará as ruas e tudo voltará a ser como no ano passado, quando alguma liberdade existia. Caso isto não venha a

acontecer, a sociedade reagirá, colocando em xeque o poder da teocracia.

Eu, que não sou daqui, sigo, na medida do possível, as leis locais. Sempre deixo um cabelinho para fora do véu, só pra emoldurar o rosto. A calça, às vezes, fica uns dois centímetros acima do sapato, mas nada que eu tenha que pagar mais de quarenta reais.

Apesar dos pesares, gosto da vida que levo aqui. O que faz um país é seu povo. E o daqui é sensacional. Os sistemas políticos não são eternos. Mas a alma do povo é imortal.

*Sonia Bonzi é Embaixatriz do Brasil no Irã.